



e-ISSN 2446-8118

75

A RESPEITO DE NOSSAS VIVÊNCIAS

Gicelle Galvan Machineski¹

O ano de 2020 nos trouxe o extraordinário em sua melhor forma ... arrebatou-nos com o inesperado, o desconhecido, o amedrontador. Nos fez refletir sobre nossos planos, atos, ações, relações e maneiras de lidar com a falta de controle, a perda, os rituais, o luto e o recomeço.

Para 2021 esperávamos que os novos desafios se referissem à retomada, ao retorno da nossa vida presencial. Tendo em vista a chegada dos tão esperados imunizantes do vírus que ceifou, somente no Brasil até o presente momento, mais de 615 mil vidas.

No entanto, o desgoverno brasileiro garantiu o atraso na aquisição, distribuição e aplicação das vacinas o que desencadeou a formação de Comissão Parlamentar de Inquérito. Essa que após seis meses de trabalho evidenciou a corrupção entre empresas e o governo para a venda e compra dos imunizantes; além da prioridade para a utilização do que se denominou “kit COVID”, composto por medicamentos ineficazes para o tratamento da doença.

Além disso, sugeriram variantes em pelo menos cinco regiões do mundo, as quais provocaram receio a respeito da eficácia dos imunizantes para conter a disseminação do SARS-CoV-2. E a ciência, que desde o surgimento da pandemia é alvo de ideias obscurantistas na tentativa de desqualificá-la, se faz presente para testar e demonstrar a eficácia dos imunizantes disponíveis e de medicamentos capazes de minimizar os sintomas graves da doença.

No entanto, como dito anteriormente, a falta de controle caracteriza esse período pandêmico pelo qual passamos. E em novembro de 2021 aparece uma nova variante na África do Sul, quando no Brasil estamos vivenciando o avanço, ainda que não ideal, da vacinação.

Importante destacar que a desigualdade na imunização mundial se coloca, segundo especialistas, como fator destrutivo no combate à pandemia. Assim, países desenvolvidos que possuem grande quantitativo de imunizantes apresentam bolsões de não imunizados devido à autonomia do cidadão de negar-se a receber a vacina ou ser adepto à teoria antivacina. Em países subdesenvolvidos, além da falta de imunizantes, os disponíveis não são administrados pela ineficiência de logística para distribuição para a população. E precisamos considerar a afirmação da Organização Mundial da Saúde de que o combate à pandemia só terá sucesso quando houver equidade na imunização.

Diante do exposto, vale tecer algumas reflexões sobre a falta de controle quanto ao planejamento da vida, a importância da ciência *versus* subfinanciamento e a solidariedade *versus* individualismo.

A reflexão a respeito da falta de controle sobre o planejamento da vida se faz necessária. Pois, não somente nesse momento pandêmico essa premissa é verdadeira. Na maior parte de nossa existência acreditamos controlar nossas escolhas, suas consequências e os

¹ Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel/PR.

acontecimentos futuros. E quando nos deparamos com o falseamento dessa ideia, ficamos atordoados e sem direcionamento para nossos atos e ações.

Não cabe propor que objetivos e planos para os alcançar sejam abandonados e que o *laisse-faire* conduza nossa existência. Já que metas e planejamento são inerentes à existência humana. Porém, é necessário resiliência para lidarmos com as frustrações e a necessidade de rever nossos planos de ação.

Sobre a importância da ciência entendemos que não há questionamentos a respeito, apesar da atualidade ser caracterizada por constantes ataques a sua idoneidade. É um arrefecimento, mesmo que ameno, da pandemia se deve ao conhecimento científico que proporcionou meios para a prevenção da doença, como as medidas de precaução e os imunizantes.

Necessário considerar que o avanço da ciência brasileira ocorre desde muito tempo, não obstante o subfinanciamento governamental. Esse que se agrava significativamente há pelo menos quatro anos, somando-se a ingerência dos órgãos reguladores da produção de conhecimento no Brasil.

E, por último, mas não menos considerável, a falta de solidariedade e o individualismo. Esses que são características do modo de vida ao qual estamos inseridos, colaboram para a não adesão de parte da sociedade às medidas de prevenção da COVID-19. Impulsionados por *fake news* disseminadas por mídias sociais e pela valorização do lucro em detrimento da vida.

Urge refletirmos, mas não basta fazê-lo de forma estática. É necessário agir a fim de que os desafios possam ser enfrentados a partir da visão de uma sociedade mais resiliente, justa e solidária.